

ALIMENTOS E IDENTIDADES EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS

FOOD AND IDENTITIES IN CONTEMPORARY TALES

Eduarda Alves de Oliveira Paula (UFERSA)¹

Luiz Eduardo da Silva Andrade (UFERSA)²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as tematizações dos alimentos a partir do sentido identitário e sexual em contos de autoria feminina. Argumenta-se que as manifestações de sentidos produzidos pela cena alimentar podem suscitar uma reflexão crítica acerca da formação identitária feminina, bem como da sua sexualidade. Utiliza-se como *corpus* desta análise os contos “I love my husband” de Nélide Piñon e “Flor do cerrado” de Maria Amélia Mello, presentes na antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Italo Moriconi. Conclui-se que as representações dos alimentos nos contos atuam como um recurso indispensável no reconhecimento dos sujeitos em seus papéis específicos, no que se refere a sua vida privada e como parte de um coletivo. Resulta-se também desse estudo que a metáfora alimentar situa os indivíduos nos papéis passivo/ativo nas relações sexuais, operando como uma ferramenta de poder que oportuniza à mulher a manifestação da sua sexualidade e subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Conto brasileiro; Alimentação; Identidade; Sexualidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the thematization of food based on the identity and sexual meaning in stories written by women. It is argued that the manifestations of meanings produced by the food scene can provoke a critical reflection on female identity formation and sexuality. The corpus of this analysis uses the short stories “I love my husband” by Nélide Piñon and “Flor do cerrado” by Maria Amélia Mello, present in the anthology *The hundred best Brazilian tales of the century*, organized by Italo Moriconi. It is concluded that the representations of food in the stories are indispensable in recognizing subjects in their specific roles, concerning their private life and as part of a collective. It is also a result of this study that the food metaphor places individuals in passive/active roles in sexual relations, operating as a powerful tool that gives women the opportunity to manifest their sexuality and subjectivity.

KEYWORDS: Brazilian short story; Food; Identity; Sexuality.

INTRODUÇÃO

A década de 1980 representou um marco importante na sociedade brasileira, especialmente para as mulheres, uma vez que a luta por seus direitos civis iniciada no século XIX com o movimento feminista, estava obtendo conquistas significativas no que diz respeito

¹ Eduarda Alves de Oliveira Paula é graduanda pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), atualmente é bolsista vinculada ao projeto de iniciação científica intitulado “Representações dos alimentos na literatura”. eduarda.paula@alunos.ufersa.edu.br / eduardaopaula@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8541382623849166>

² Luiz Eduardo Andrade é professor adjunto na Ufersa, tem doutorado em estudos literários na UFMG, e membro do grupo SAL: sobre alimentos e literaturas da UFMG, atualmente coordena o projeto de iniciação científica intitulado “Representações dos alimentos na literatura”. luiz.eduardo@ufersa.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/9529367890907059>

a autonomia sobre seu corpo e inserção definitiva no mercado de trabalho. Essas realizações no âmbito político e social começaram a refletir em um novo comportamento das mulheres, quanto a construção da sua identidade e sexualidade (ALVES; ALVES, 2013, p. 116).

Na literatura essas transformações também foram evidentes, uma vez que começava a surgir com mais frequência escritos femininos, espaço antes dominado por homens. Nesse sentido, as autoras centravam suas histórias em personagens femininas com o intuito de explorar esse novo olhar da mulher sobre si própria e seu papel na sociedade, apresentando criticamente questões identitárias e referências quanto a sua sexualidade (UENO, 2020, p. 179-180). Sob essa perspectiva, as tematizações dos alimentos na literatura emergem como uma preciosa fonte para a investigação da formação identitária da mulher e de que modo é abordada a sua sexualidade. Esse raciocínio se instaura devido a regularidade com que as menções aos alimentos aparecem nas narrativas, além dos sentidos que podem ser manifestados a partir dessas representações.

Sem sombra de dúvidas, a comida é o elemento que transita em praticamente todos os ambientes onde há relações sociais, dado ao fato de que se trata de uma necessidade humana. Contudo as suas contribuições vão muito além do caráter fisiológico e biológico, a comida e todas as conotações que ela manifesta dizem muito sobre a nossa sociedade, cultura, identidade, história, sexualidade, religião, e também a respeito dos papéis sociais que cada um desempenha, seja individualmente ou no coletivo (NASCIMENTO, 2007, p. 29).

Na área da literatura, uma abordagem bastante produtiva para tratar sobre a comida é a “gastrocrítica”. Conforme explica Rafael Climent-Espino, em artigo da revista *O eixo e a roda*, a gastrocrítica “trata de estudar a relevância para uma obra literária das muitas conotações do comer e beber no social, racial, geográfico, identitário, histórico, sexual, antropológico, religioso, filosófico, médico, cultural, psicológico, ideológico-político, genérico, linguístico, etc.” (MAESENNER, *apud* CLIMENT-ESPINO, 2019, p. 51).

À vista disso, este artigo tem por objetivo explorar a temática da alimentação a partir do seu sentido identitário e sexual em contos de autoria feminina. Logo, defende-se a ideia de que os sentidos produzidos pela comida são capazes de proporcionar uma reflexão crítica acerca da construção da identidade feminina e de sua sexualidade. Dessa forma, toma-se como elo de sustentação para a análise os sentidos manifestados pelas representações dos alimentos presentes especificamente nos discursos das mulheres, as quais ocupam o protagonismo nos contos. Para a realização dessa pesquisa, serão analisados dois contos, o primeiro intitulado de “I love my husband” de Nélide Piñon, e o segundo “Flor do cerrado” de Maria Amélia Mello,

tais narrativas estão presentes na antologia *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2009), organizada por Italo Moriconi.

1. A LITERATURA FEMININA

Tratar de uma literatura feminina brasileira, significa entrar em uma série de contextos de ordem histórica, política, social e cultural. Essa complexidade advém da inserção tardia das mulheres nas diversas áreas do conhecimento, em razão das desconfianças a respeito da sua capacidade intelectual e, conseqüentemente, da posição de inferioridade à qual eram vistas na sociedade. Sobre o processo de reconhecimento das mulheres na esfera literária Eliene Caixêta explana que “até o século XX, as publicações de autoras femininas não tinham oportunidades significativas no meio literário. Foi aos poucos que a literatura brasileira concentrou o olhar sobre diversas coletâneas escritas por mulheres” (CAIXÊTA, 2018, p. 20).

A autoria feminina enfrentou um longo processo para que alcançasse alguma notoriedade, devido as oportunidades limitadas que eram destinadas às mulheres. A virada de chave para o progresso da literatura feminina dá-se a partir da revolução feminista, que passou a atuar na luta pela legitimação dos escritos das mulheres. Com esse cenário “fortifica-se e passa a atuar a crítica literária feminina, contribuindo tanto para o reconhecimento das mulheres quanto para o seu processo de construção identitária” (CAIXÊTA, 2018, p. 20). Diante disso, passa-se a encontrar, com mais assiduidade, escritos femininos principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

As escritoras, agora com mais liberdade para criar, exploraram o campo ficcional para abordar assuntos de cunho social e político, principalmente sobre as experiências das mulheres dentro desse contexto. Essa atitude proporcionou as mulheres lugares de destaque nas histórias, uma vez que essas tramas passaram a ser retratadas a partir da sua perspectiva. Nesse sentido, os textos traziam à tona um jeito particular de contar as histórias que diferenciavam a escrita dessas autoras, segundo a escritora Lúcia Branco isso acontece “por possuírem um tom, uma dicção, um ritmo, uma respiração próprios” (BRANCO, 1991, p. 13).

Esses aspectos, podiam revelar-se como uma “escrita feminina”, um conceito bastante discutido entre os críticos, já que tais características também podem ser encontradas em textos de autores masculinos, ou seja, a questão do gênero não se aplicaria nessa modalidade de escrita. A respeito disso, Branco ressalta que por mais que exista autores homens com esse tipo de escrita, o número de mulheres é bem maior, em virtude disso esclarece que

é certamente por isso – embora não só por isso – que se mantém a escolha do adjetivo *feminino* para designar essa escrita, procurando-se sugerir que *feminino* aqui não se refere exclusivamente à mulher, mas *tem a ver* com a mulher, ainda que apenas de uma certa maneira, apenas em uma certa instância (BRANCO, 1991, p. 15).

Nesse caso, podemos inferir que uma literatura feminina, principalmente em razão dos contextos vivenciados ao longo da história, traz como foco a mulher para que justamente nos atentemos sobre os seus papéis na sociedade. Para isso, é necessário pensar a mulher em sua subjetividade e também como parte de uma coletividade, assim buscando a construção da sua identidade. Nesse sentido, Marta Appel afirma que

ao representar, na ficção, uma nova e diversa maneira de olhar para si e para o outro, os textos de autoria feminina reforçam que as mudanças já estão em franco processo de assimilação e de que os críticos e educadores devem, também, estar atentos às transformações para que, por meio dessas, possam enriquecer ambos os espaços: o da crítica literária e da educação, enquanto processo que está em constante construção e, portanto, inacabado (APPEL, 2010, p. 56).

Ante o exposto, é preciso dizer que o reconhecimento de uma literatura de autoria feminina não apenas contribui para a manutenção das mulheres nessa esfera que, por muito tempo foi dominada por homens, mas também permite que os olhares se voltem para a mulher e sua subjetividade, além da condição social na qual está inserida. Nesse sentido, é a voz da mulher que ressoa propondo uma revisão do seu papel na história, ao mesmo tempo em que uma nova história vai surgindo. Agora, o que é relatado por elas é esse novo olhar do feminino que se constrói aos poucos na contemporaneidade.

Ao lançarmos o olhar para a literatura feminina, cabe evidenciar duas escritoras brasileiras que se destacaram no âmbito literário por sua participação ativa na luta pelo reconhecimento das mulheres na área da literatura. As escritoras Nélide Piñon e Maria Amélia Mello são figuras necessárias na cena literária brasileira, não somente por trazerem em seus escritos as mulheres como figura principal, mas também por promoverem reflexões importantes sobre a condição social feminina.

Piñon é dona de uma extensa bibliografia em que pode ser encontrada uma diversidade de contos, ensaios, romances, crônicas, memórias entre outros, nos quais tiveram traduções em vários países. Sua carreira é marcada por diversas conquistas importantes, dentre elas pode-se destacar a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras no ano de 1989, se tornando a primeira mulher a ocupar uma cadeira na instituição, além disso, recebeu diversos prêmios e condecorações nacionais e internacionais. Entre suas obras de maior prestígio estão *A casa da paixão* (1972), *Tempo das frutas* (1966) e *O pão de cada dia* (1994).

Diferentemente de Nélide Piñon, Maria Amélia Mello não tem seus escritos tão reconhecidos pelo público. Aparentemente o motivo para essa ausência de leitores em seus trabalhos atende-se pelo fato da autora se dedicar a outras esferas profissionais, como a indústria editorial, área na qual se encontra a maioria das informações sobre ela. Nascida no Rio de Janeiro em 1952, Mello se destaca na cena literária por sua obra de poemas *Compasso de espera* publicada em 1973, marcando seu debute na literatura. Destaca-se também pelo seu livro de contos *Às oito, em ponto*, lançado em 1984, consistindo no seu único livro narrativo abrangendo ao todo 21 contos. Inclusive, pela sua obra *Às oito, em ponto*, Maria Amélia Mello conquistou o prêmio Afonso Arinos concedido pela Academia Brasileira de Letras, aos autores com os melhores livros de contos (SANTOS, 2018, p. 97-98).

2. ALIMENTAÇÃO, IDENTIDADE FEMININA E SEXUALIDADE

Os estudos sobre alimentação vêm sendo uma área bastante explorada ao longo dos anos, visto que está cada vez mais evidente as múltiplas funções que a comida desempenha na vida humana. As análises que podem ser realizadas no campo da alimentação abrangem diversas perspectivas, seja do ponto de vista cultural, social, identitário, político, histórico, sexual, nutricional, entre outros. Por suas várias especificidades e manifestações, a comida está intrinsecamente ligada aos seres vivos, conforme aponta Climent-Espino (2019, p. 50-51) “além de satisfazer uma necessidade biológica, a comida fornece informação sobre tradições de produção e rituais de consumo e, portanto, sobre identidades pessoais e grupais”. Nesse sentido, é possível dizer que o alimento mais que uma função nutritiva e essencial à vida, funciona como uma importante ferramenta para a investigação das relações do indivíduo com o mundo e com si próprio.

A antropóloga Eunice Maciel destaca que “na alimentação humana, natureza e cultura se encontram, pois se comer é uma necessidade vital, o quê, quando e com quem comer são aspectos que fazem parte de um sistema que implica atribuição de significados ao ato alimentar” (MACIEL, 2005, p. 49). Por esse ângulo, podemos compreender que o ato de comer, bem como todos os processos que fazem parte dessa atividade cotidiana, são capazes de diferenciar-nos culturalmente e de elucidar diversos aspectos da vida em sociedade. A esse respeito, Climent-Espino explica que a comida não apenas engloba informações sobre hierarquias sociais, como também apresenta detalhes importantes sobre como nos estruturamos socialmente e os papéis que cada indivíduo desempenha na comunidade em que faz parte, em relação com os outros integrantes (CLIMENT-ESPINO, 2019, p. 60).

Sobre os dados que o alimento fornece a respeito das atribuições que cada sujeito exerce em seu grupo, é importante ressaltar o papel atribuído às mulheres. A princípio é necessário lembrar que a relação do alimento com a figura feminina é algo que se revela desde o nascimento, tendo em vista que é por meio do leite materno que a criança se alimenta e obtém os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento físico e mental. Com base nesse pensamento, é perceptível que historicamente a função da mulher sempre esteve ligada à prática de alimentar. Sobre essa relação entre comida e mulher, o antropólogo Roberto DaMatta esclarece:

A sociedade manifesta-se por meio de muitos espelhos e vários idiomas. Um dos mais importantes no caso do Brasil é, sem dúvida, o código da comida, em seus desdobramentos morais que acabam ajudando a situar também a mulher e o feminino no seu sentido talvez mais tradicional. Comidas e mulheres, assim, exprimem teoricamente a sociedade, tanto quanto a política, a economia, a família, o espaço e o tempo, em suas preocupações e, certamente, em suas contradições (DAMATTA, 1986, p. 42).

Nesse contexto, é possível analisar como o alimento situa a figura feminina dentro do círculo familiar e influencia na formação da sua identidade. Assim, antes de mais nada é preciso deixar claro que esse importante papel exercido pela mulher, ou seja, a responsabilidade pela alimentação da família, contribuiu significativamente para a formação de uma cultura culinária tão diversa como a do Brasil. Essa diversidade que hoje encontramos se deve primeiramente às mulheres indígenas, que com seus conhecimentos ajudaram a disseminar o uso de uma variedade de ingredientes e de saberes medicinais entre sua comunidade, conforme explica Katerina Kaspar (2016, p. 5) em seu artigo sobre “Gastronomia e Literatura na formação da identidade nacional”.

Além disso, a mulher também se encarrega de outra função indispensável que é auxiliar na economia doméstica, uma vez que só ela conhece os produtos e as quantidades adequadas para alimentar sua família, dessa forma, evitando o desperdício e poupando em tempos de dificuldade (CLIMENT-ESPINO, 2019, p. 69). Esses aspectos que torna tão íntima a relação entre o alimento e a mulher manifestam significados, uma vez que a tarefa de preparar a comida e alimentar a família pode ser interpretada como um ato de cuidado e de afeto.

Convém destacar que quando se trata da identidade feminina as representações dos alimentos trazem informações precisas sobre sua formação. Ora, esse cuidado com o alimento e com a família contribuiu para que a mulher fosse situada dentro do espaço doméstico, visto que, é nesse ambiente onde as refeições são preparadas e a família é reunida em torno da mesa. Porém, é necessário ressaltar que os valores patriarcais no qual a sociedade foi formada, atrelou

a imagem feminina somente ao ambiente da casa, fazendo com que tais tarefas fossem consideradas estritamente femininas. Nesse sentido, Giuseppe de Oliveira aponta que

numa sociedade em que as marcas de identidade e distinção evidenciavam-se nos mínimos detalhes, os objetos que compunham o arranjo dos espaços dos lares, a organização doméstica e a administração dos comportamentos eram requisitos fundamentais para o desempenho do papel de uma dona-de-casa ideal (OLIVEIRA, 2010, p. 510-511).

Partindo dessa perspectiva, podemos inferir que culturalmente a figura feminina esteve sempre associada aos cuidados com a casa e com a família, em razão disso a sua identidade também foi construída sobre tais preceitos socialmente aceitos e disseminados. Dessa forma, “sua identidade e, até mesmo suas vidas, são relegadas às convenções matrimoniais, maternais e domésticas, impostas pela sociedade, as quais ainda prevalecem na contemporaneidade” (CAIXÊTA, 2018, p. 55).

A alimentação também estabelece uma importante conexão com a sexualidade, uma vez que sempre esteve presente no desenvolvimento humano, tanto no aspecto físico quanto cerebral e, por isso, tem implicação em todas as funções do corpo, incluindo o comportamento sexual (BONA, 2013, p. 190). Dessa forma, cabe dizer que tanto a comida quanto o ato sexual afetam os nossos sentidos e provocam sensações similares ao nosso corpo, como o desejo, a satisfação, etc. Por esse ângulo, convém destacar que os sentidos que a comida manifesta se insere no campo sexual, uma vez que, “nas representações de inúmeras culturas, associa-se sempre o sexo e a comida e o verbo comer costuma possuir um duplo sentido” (CARNEIRO, 2005, p. 73). Nesse caso, é interessante pensar que as relações entre comida e sexo são mais estreitas do que se imagina, tendo em vista que os dois atos estão interligados por um motivo em comum, o prazer. Com base nesse pensamento, Henrique Carneiro esclarece que

na economia libidinal humana, esses dois prazeres são aproximados de muitas maneiras, tanto na fase infantil, em que o seio materno é a fonte do máximo prazer, como nas práticas eróticas orais, tais como o beijo, em que o mesmo órgão da nutrição produz gratificação sensual (CARNEIRO, 2005, p. 73).

À vista disso, é pertinente frisar que a ligação entre alimento e sexo se estabelece não somente a partir do corpo, uma vez que “a comida aparece no cotidiano dos indivíduos de várias formas, inclusive no vocabulário corriqueiro, provando que, mais do que alimento, é linguagem” (NASCIMENTO, 2007, p. 83). Assim, cabe dizer que comida e sexualidade também se conectam na própria linguagem, tendo em vista que a metáfora alimentar é um

recurso bastante usual na sociedade brasileira para se referir as relações sexuais. Sobre esse aspecto, DaMatta discorre:

O fato é que as comidas se associam à sexualidade, de tal modo que o ato sexual pode ser traduzido como um ato do “comer”, abarcar, englobar, ingerir ou circunscrever totalmente aquilo que é (ou foi) comido. A comida, como a mulher (ou o homem, em certas situações), desaparece dentro do comedor – ou do comilão. Essa é a base da metáfora para o sexo, indicando que o comido é totalmente abraçado pelo comedor (DAMATTA, 1986, p. 51).

Após essa revisão bibliográfica, percebeu-se alguns dos vários aspectos pelos quais é possível investigar o alimento e suas representações. Foi possível identificar que a comida é revestida de valores simbólicos que retratam a cultura, as crenças e o modo como vivemos, além disso, são capazes de nos fazer refletir sobre diversos assuntos, como a identidade feminina e também sobre a sexualidade. A partir disso, resta saber como esses argumentos se entrelaçam nos contos a serem analisados.

3. A COMIDA COMO ESTRATÉGIA DE REFLEXÃO ACERCA DA IDENTIDADE FEMININA

O conto “I love my husband” de Nélide Piñon, trata-se de uma narrativa autodiegética, ou seja, o narrador é também a personagem principal e fala sobre suas próprias vivências na história. A trama é ambientada no interior de uma casa, tendo como foco central uma mulher que relata sua rotina nos afazeres domésticos e na relação com o seu marido. Tais aspectos são colocados em cena a partir de um discurso carregado de ironia, em que a protagonista reflete sobre sua condição de mulher e a posição que ocupa na sociedade.

Discorrendo sobre uma narração na qual a personagem feminina expõe a sua desprivilegiada condição de mulher, cabe ressaltar que essa situação restringida a ela provém do patriarcado. Em outras palavras, trata-se de um sistema social e culturalmente estabelecido que privilegia o homem em detrimento da mulher, colocando-o como figura central em todas as esferas que regem uma sociedade.

Nesse sentido, é a partir dessa conjuntura que percebemos o conflito da protagonista sem nome e sem identidade, que enxerga a vida através dos olhos do marido, tomando consciência da sua submissão e se revoltando contra o sistema que dita os seus comportamentos tanto dentro quanto fora de casa. Essa lucidez da narradora nos provoca uma expectativa de libertação, no entanto, tal emancipação é frustrada pelos medos, inseguranças e incertezas com um futuro sem o marido para guiá-la.

Com base nisso, as representações dos alimentos no conto emergem justamente como uma ferramenta indispensável, capaz de identificar os sujeitos em seus papéis específicos no que diz respeito a sua vida privada e também como parte de uma coletividade. Sob essa perspectiva, deve-se ressaltar que “a alimentação, embora seja tida por muitos como uma prática não discursiva, em geral, é vista como uma ferramenta metafórica através da qual o sujeito escritor discursa sobre as relações sociais do contexto sócio-histórico-ideológico” (BONA, 2013, p. 197). À vista disso, em “I love my husband”, tais referências ao alimento contribuem para identificar o papel da mulher, figura central da história, e a partir disso, refletir sobre sua identidade ou a falta dela.

Logo no início do conto, fica evidente as atribuições dos sujeitos dentro da esfera familiar:

Depois, arrumo-lhe o nó da gravata e ele protesta por consertar-lhe unicamente a parte menor de sua vida. Rio para que ele saia mais tranquilo, capaz de enfrentar a vida lá fora e trazer de volta para sala de visita um pão sempre quentinho e farto. Ele diz que sou exigente, fico em casa lavando louça, fazendo compras, por cima reclamo da vida, [...] A mim também me saúdam por alimentar um homem que sonha com casas-grandes, senzalas e mocambos, e assim faz o país progredir. E é por isto que sou a sombra do homem que todos dizem eu amar (PIÑON, 2009, p. 444).

Nota-se na citação acima, o retrato de uma família tradicional segundo a perspectiva do patriarcado no qual o homem é o responsável por trabalhar em busca do sustento da família, enquanto que a mulher fica encarregada das tarefas domésticas e da função de cuidar e alimentar. Percebe-se que é a figura masculina que ocupa os lugares de destaque, os grandes feitos como fazer o país progredir, se devem a eles, ao passo que as atividades geridas pelo feminino são inferiorizadas. Convém destacar que os sentidos representados pela a alimentação são tratados de duas formas: se no primeiro momento a comida é mencionada para atribuir ao homem o papel de provedor, em um segundo momento ela serve de gatilho que faz a personagem tomar consciência do seu comportamento e do seu papel subjugado perante o marido e a sociedade, já que define a si própria como a sombra do homem que ela alimenta.

Trazendo para a esfera matrimonial, a metáfora alimentar nos conduz a uma análise acerca de como a protagonista é moldada pelo esposo, e nem sequer tem o direito de decidir sobre o próprio futuro:

E dizendo que eu era parte do seu futuro, que só ele, porém tinha o direito de construir, percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum. Comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado, antes que este tempo pretérito nos tenha sido ditado pelo homem que dizemos amar. Ele aplaudiu o meu projeto. Dentro de casa, no forno

que era o lar, seria fácil alimentar o passado com ervas e mingau de aveia, para que ele, tranquilo gerisse o futuro (PIÑON, 2009, p. 445).

Observa-se que na cena anterior, a figura feminina retrata a partir dos sentidos provocados pelo alimento a posição à qual o marido permite que ela ocupe. Desse modo, imposta ao ambiente doméstico e resignada em “alimentar o passado com ervas e mingau de aveia”, a narradora-protagonista acaba contribuindo para a manutenção dos valores tradicionalistas que privilegiam o homem. Assim, fazendo com que o esposo tenha poder sobre ela, por consequência a impedindo de ter qualquer tipo de progressão na vida e, portanto, apenas existindo em função dele. Nessa perspectiva, Ilmar Fernandes (2014, p. 52) esclarece que

a sociedade patriarcal era responsável por podar a figura feminina de possibilidades de ascensão. Na visão masculina, as mulheres representavam um objeto que deveria realizar suas vontades e, conseqüentemente, aumentar sua prole. Dessa maneira, eram concebidas como seres passivos, frágeis, sem voz, que deveriam obedecer e cumprir as ordens do homem até que a morte os separasse (FERNANDES, 2014, p. 52).

Com base nesse pensamento, no decorrer do conto a protagonista é tomada por um sentimento de revolta e o anseio de enfrentar essas amarras impostas a ela se torna mais forte, principalmente quando percebe que não é dona nem do próprio corpo:

Precisava também atar as minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pelo felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal? (PIÑON, 2009, p. 445).

Verifica-se que as referências atribuídas ao sentido do paladar são expressadas pela mulher de forma muito íntima. Expressões como a “doçura da pele” e “lambe-se o seu sal”, representam as sensações carnis, porém, nessa situação o sentido se expande, pois trata-se de um corpo que só pode sentir tais sensações ao ser tocado pelo esposo, isto é, a figura feminina não tem poder nem sobre a sua sexualidade. Esse fato é o divisor de águas para uma mudança de atitude da protagonista, mesmo que momentaneamente, pois tomada de coragem ela propõe ao seu marido uma conversa a respeito do seu relacionamento e do futuro: “Que tal se após tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa?” (PIÑON, 2009, p. 446). Observa-se que o recurso utilizado pela narradora para expor seus pensamentos e pela primeira vez durante a narrativa ter a sua voz ouvida, é justamente a metáfora com a comida. Assim como enfatiza Fabiano Bona sobre o conceito de “voz da comida” criado por Hauck-Lawson (1992):

A tal voz da comida faz uma alusão ao potencial da comida de ser um poderoso veículo para a manifestação de identidade, de significados, de cosmovisões. Ele aponta, também, o seu potencial de mudança, admitindo que a voz da comida pode ser uma forma de resolver conflitos e de propor mudanças (BONA, 2013, p. 197).

No caso da protagonista do conto a comida funciona como uma ferramenta discursiva, em que se torna possível a manifestação da sua subjetividade, antes encoberta pelos moldes matrimoniais e sociais. Apesar disso, a condição sociocultural imposta às mulheres torna a busca pela sua autonomia um caminho dúbio, portanto, fazendo com que a narradora se sinta culpada pelos seus pensamentos e volte a sua posição de subjugada: “Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café e bolo de chocolate. Ele aceitou que eu me redimisse” (PIÑON, 2009, p. 446).

Percebe-se que novamente a comida é utilizada como um artifício, dessa vez, para exteriorizar o estado emocional da personagem. Além disso, é preciso ressaltar o valor simbólico manifestado através do alimento, pois a ação de entregar a comida ao esposo está além de um gesto de redenção da mulher. Tal ato significa a sua aceitação pela vida de imposições e submissão, uma vez que ao passar a comida para as mãos do marido a protagonista está simbolicamente passando também a sua vida, sua identidade e seus desejos. Nota-se a confirmação desse pensamento na seguinte reflexão da personagem:

Assim fui aprendendo que a minha consciência que está a serviço da minha felicidade ao mesmo tempo está a serviço do meu marido. É seu encargo podar meus excessos. [...] Quero um sonho que se alcance com a luva forte e que se transforme algumas vezes numa torta de chocolate, para ele comer com os olhos brilhantes, e sorriremos juntos (PIÑON, 2009, p. 448).

Primeiramente, observa-se que o relato da protagonista evidencia a sua posição de mulher condicionada desde sempre a viver em função do marido e do casamento. Nesse caso, é perceptível que a personagem é o retrato da mulher em processo de desconstrução de uma identidade forjada por valores patriarcais, mas que ainda não consegue sair dessas amarras sociais, mesmo que já tenha consciência sobre elas e acabe se revoltando internamente. Esse pensamento se comprova pelo tom melancólico proferido pela narradora ao descrever a sua infelicidade pela monotonia do casamento:

Sinto então a boca seca, seca por um cotidiano que confirma o gosto do pão comido às vésperas, e que me alimentará amanhã também. Um pão que ele e eu comemos há tantos anos sem reclamar, unidos pelo amor, atados pela cerimônia de um casamento que nos declarou marido e mulher. Ah, sim, eu amo o meu marido (PIÑON, 2009, p. 449).

Os excertos acima nos evidenciam que os sentidos construídos por meio do alimento representam justamente a imagem da mulher que se conforma não por sentir que está enganada

em suas reflexões, mas por não enxergar outra solução para a sua emancipação. Pois, em virtude desses princípios morais ser ainda tão intrinsecamente imbuídos na sociedade acaba travando a manifestação da sua individualidade. Esse fator influencia o modo como a mulher se comporta, uma vez que faz ela viver sua vida através dos olhos do marido e seguindo o retrato de uma sociedade que a domina.

4. A METÁFORA ALIMENTAR: ARTIFÍCIO SEXUAL E FERRAMENTA DE PODER

A narrativa “Flor do cerrado” de Maria Amélia Mello, é contada em primeira pessoa, abordando um acontecimento que marcou a vida da protagonista, tal evento trata-se de um assalto em que a mulher foi vítima ao caminhar por uma rua completamente deserta. Nesse espaço onde a narrativa ocorre nos deparamos com a figura do assaltante, que no decorrer da história é apelidado de “menino” pela mulher.

A relação entre a narradora e o “menino” se desenrola de maneira surpreendente, uma vez que o desejo e o prazer se afloram entre as duas personagens se manifestando por meio de diálogos acalorados e ao mesmo tempo reflexivos da protagonista, além das descrições do ato sexual no qual os dois são arrebatados. Essa relação traz uma interessante discussão, tendo em vista que por mais lascivo que possa parecer o envolvimento dos dois, ainda pode ser encarado como um delito gravíssimo, pois a protagonista sofreu uma violência sexual.

Percebe-se que o encontro das duas personagens embora tragam questões bastante discutíveis sobre a violência urbana e o sistema de poder exercido na sociedade e que faz tanto a mulher quanto o assaltante de vítimas, o ponto alto do conto e que cabe uma análise mais aprofundada se refere ao envolvimento sexual à qual a protagonista e o assaltante se entregam. Nesse sentido, convém a interessante reflexão sobre de que modo a comida serve de linguagem metafórica para descrever a relação sexual e pensar acerca da sexualidade feminina.

Ao analisar algumas passagens do conto somos surpreendidos com o teor erótico construindo a partir da metáfora alimentar. Percebe-se que quando se trata de descrever as situações libidinosas, o verbo “comer” sempre está presente, pois como é evidenciado no trabalho de Willian de Oliveira apresentado no Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, “comer também se refere ao ato sexual. Neste sentido, comer tem sentidos muito mais abrangentes do que uma questão puramente fisiológica. Comer está carregado de sentidos, de intenções, de comportamentos, de desejos, de prazer, de afeto, de poder” (OLIVEIRA, 2016, p. 311).

Verifica-se que no conto em questão tal palavra é pronunciada pela narradora ao explicar as reações do assaltante durante o sexo:

Arfava mais forte pelo balanço ritmado contra meu corpo encostado no carro. A perna dele sacudia e ele ia endurecendo, marcando a calça. Tremia e não parecia nada à vontade. Devia ser aquela história de comer ‘gente muito fina’, como ele se referia a mim quando estava quase gozando [...]. Depois cuspi nos dizeres só pra ter certeza de que comia o impossível. A fome faz dessas coisas. E outras também (PIÑON, 2009, p. 461).

Nesse sentido, é interessante pensar no uso desses dizeres, pois quando se trata da relação sexual, homem e mulher, a utilização dessa linguagem metafórica envolvendo o alimento diz muito sobre as relações de poder entre os participantes da ação:

A ideia de comer alguém tem forte conotação patriarcal. Estabelece bem mais que uma relação sexual aparentemente inofensiva. Antes, revelam como, na cultura patriarcal brasileira, em sua própria linguagem apresentou-se a mulher como objeto, destituída de poder sobre seu próprio corpo. A mulher é equiparada ao alimento que simplesmente é ingerido pelo macho e sua estrutura de poder (OLIVEIRA, 2016, p. 317).

É necessário ressaltar que no conto é a mulher que faz o uso desses termos, o que nos leva a pensar em uma possível inversão de poderes, pois conforme aponta Enedir Santos “um jovem assaltante pensa manter o controle sobre o assalto, a mulher e o estupro, todavia, o consentimento da vítima, inverte os lugares de dominador e dominado” (SANTOS, 2018, p. 65). Nesse caso, tanto o consentimento da mulher, quanto a sua ação de conduzir os diálogos se expressando por meio de metáforas alimentares, nos mostra que a protagonista não é passiva na relação.

Assim, é possível refletir sobre a sexualidade feminina, tendo em vista que culturalmente as relações sexuais foram marcadas pelo desempenho ativo do homem e a passividade da mulher, que tinha o dever de suprir o desejo masculino (OLIVEIRA, 2016, p. 314-315). Percebe-se que no conto, essa estrutura historicamente definida é quebrada, tal rompimento ocorre devido a construção do sentido produzido por meio da metáfora com a comida e do sujeito que toma posse desse discurso, nesse caso, a mulher: “E me batia uma vontade sem freios de beijar ele todinho, lambe aquela fome toda, saquear todos aqueles assaltos em nome de nada” (PIÑON, 2009, p. 461). Nota-se que no fragmento a protagonista apodera-se do discurso e manifesta a sua sexualidade, além disso é preciso dizer que tal exteriorização, curiosamente, carrega diversas menções à comida e às suas representações:

Por isso aticava fogo em sua própria pele, apertava meu peito, mostrava a língua e melava um pouco os dedos, enfiando minha mão inteira na boca [...] Falava de boca cheia, comia sôfrego e não me ouvia, protegido pelo tesão e pelo olho atento, em vigília, com medo que passasse alguém naquele fim de mundo [...] Eu saboreava

aquele fruto silvestre e ele pensava que transava com uma grã-fina (PIÑON, 2009, p. 462).

Ao aprofundarmos a análise entorno da sexualidade feminina, percebe-se que a protagonista do conto tem total consciência sobre o seu corpo, e também do poder que exerce sobre o corpo do outro. Assim, é notório o controle que a mulher consegue ter perante a situação na qual se encontra, sem deixar de lado os seus próprios desejos. Em outras palavras, a protagonista nos passa a imagem de que sua sexualidade não está a serviço de outro corpo, mas somente dos seu próprio querer.

Nessa perspectiva, nota-se uma desconstrução de valores a respeito da sexualidade e do corpo feminino, visto que se outrora existia uma opressão a sexualidade e a posse do corpo da mulher, especificamente nesse conto a personagem consegue, de certa forma, driblar tais imposições. A partir disso, a protagonista inverte a ordem culturalmente estabelecida, visto que atua lucidamente fazendo com que o outro sujeito da relação fique sob o seu domínio.

A partir dessa transição entre a passividade e a atividade da mulher na relação sexual, interessa pensar sobre como a comida se encaixa nessa dinâmica entre quem domina e quem é o dominado, ou melhor, entre “quem come” e “quem é comido”. Acerca dessa perspectiva entre o comedor e o comido, DaMatta explica que

a relação sexual, na concepção brasileira, coloca a diferença e a radical heterogeneidade, para logo em seguida hierarquiza-las no englobamento de um comedor e um comido. E não se pode deixar de observar, para quem estiver lendo estas linhas um tanto desavisado, que o englobador tanto pode ser um homem (esse seria o modelo ideal, a formulação tradicional) como também uma mulher (se for ela quem atua buscando e querendo a relação, exercendo com isso um papel ativo) (DAMATTA, 1986, p. 51).

Observando algumas falas da protagonista de “Flor do cerrado”, percebemos que o domínio exercido por ela está justamente no prazer em “saborear” o corpo do outro como se degustasse propriamente um prato de comida, ou ainda na vontade lasciva de “lamber” o seu parceiro vorazmente como se estivesse diante de uma sobremesa. Dessa forma, adequa-se a ela o papel de ativa, ou de comedora na relação em que está inserida.

Diante desse jogo de inversão de poder, a metáfora alimentar tem um importante papel, uma vez que é por meio dessa construção de sentidos que torna-se possível não somente situar os sujeitos em seus papéis ativo/passivo, mas também mostrar de que forma a mulher utiliza essas manifestações a seu favor. Essa mudança ocorre, pois, a narradora dá um outro sentido a expressões que culturalmente são vistas nas falas masculinas, desse modo, deixando de ser o “objeto da relação” e passando a ser um sujeito em atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas sobre a temática da alimentação com base no seu sentido identitário e sexual nos contos de autoria feminina, observou-se que os sentidos produzidos pela comida são capazes de proporcionar uma compreensão sobre a construção da identidade feminina e, ainda refletir sobre a sua sexualidade. Verificou-se que, a mulher da década de 80 passava por um processo de tomada de consciência da sua posição na sociedade, dos seus comportamentos, dos papéis que assumiam no círculo familiar e fora dele. Dessa forma, tais aspectos favoreceram para que as mulheres começassem a se revoltar contra as amarras impostas pelos valores tradicionais que as submetiam a situações degradantes.

Observou-se também que a literatura feminina foi um importante recurso político e social, capaz de expressar através dos textos questões relacionadas a condição social e cultural à qual historicamente as mulheres eram sujeitadas. Assim, as autoras deram foco em personagens femininas para que justamente fosse possível refletir sobre essas questões a partir da perspectiva da mulher.

Nos contos, a relação do alimento com a identidade feminina revelou-se não apenas como um elemento que situa a mulher ao papel tradicionalmente relegado a ela, ou seja, o de dona de casa e responsável por cuidar e alimentar a sua família. Mas, também se comprovou como uma importante ferramenta em que foi possível a manifestação da sua individualidade, uma vez que por meio dos sentidos produzidos pela comida se sobressaíram verdadeiramente o que lhe era mais íntimo, seus desejos, suas dores, angústias e medos, e assim, nos confirmando o processo simultâneo de uma mulher em desconstrução de valores e construção de uma identidade.

Sobre a comida e a sexualidade os contos nos evidenciaram interessantes discussões, uma vez que as metáforas alimentares ocupam uma posição de destaque quando se trata das relações sexuais. Foi possível perceber que a linguagem metafórica produzida a partir da comida se revela como um mecanismo de poder, tendo em vista que no ato sexual as relações são estabelecidas entre quem come e quem é comido; quem manda e quem obedece; quem tem seus desejos supridos e quem é o objeto da relação. Nesse sentido, a sexualidade da mulher que historicamente esteve relegada aos desejos do homem, se sobressai a partir dos sentidos produzidos pela comida tornando possível a manifestação das suas vontades, e dos seus desejos mais lascivos. Diante disso, conclui-se que ao utilizar a linguagem alimentar em benefício próprio, a mulher inverte a posição de poder que culturalmente esteve contra ela.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*. Fortaleza, 2013. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 06 ago. 2022.

APPEL, Marta Lia Genro. A escrita feminina contemporânea: retratos de uma época. *Signos*, Lajeado, v. 31, n. 1, p. 51-57, 2010. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/689>. Acesso em: 6 ago. 2022.

BONA, Fabiano Dalla. Comer e ser comida: corpo, gastronomia e erotismo. *Revista Interfaces*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 19, p. 189-198, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29935>. Acesso em: 06 ago. 2022.

BRANCO, Lúcia Castello. Para além do sexo da escrita. In: BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 11-28.

CAIXÊTA, Eliene Cristina. *A construção identitária feminina em A camisa do marido, de Nélide Piñon*. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22266/3/Constru%C3%A7%C3%A3o%20identit%C3%A1riaFeminina.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

CARNEIRO, Henrique Soares. Comida e sociedade: significados sociais na História da Alimentação. *História: questões e debates*, Curitiba, v. 42, p. 71-80, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/974780/Comida_e_sociedade_significados_sociais_na_historia_da_alimentacao. Acesso em: 06 ago. 2022.

CLIMENT-ESPINO, Rafael. Miragens do Japão: comida e isogastrias em *Nihonjin*, de Oscar Nakasato. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 49-74, 2019. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/14014/0. Acesso em: 06 ago. 2022.

DAMATTA, Roberto. Sobre comidas e mulheres. In: DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 41-55.

FERNANDES, Ilmar Rodrigues. *Figurações femininas no bordado textual de Nélide Piñon: um estudo de Tempo das Frutas*. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2014. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/FIGURA%2087%2095ES-FEMININAS-NO-BORDADO-TEXTUAL-DE-N%2089LIDA-PI%2091ON-um-estudo-de-Tempo-das-Frutas.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

KASPAR, Katerina Blasques. Gastronomia e literatura na formação da identidade nacional. *Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 2-10, mar. 2016. Disponível em: http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2016/03/76_CA_artigo_revisado.pdf. Acesso em: 06 ago. 2022.

MACIEL, Maria Eunice. Identidade cultural e alimentação. *In*: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 49-55.

MELLO, Maria Amélia. Flor do cerrado. *In*: MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 459-463.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. Aspectos literários e simbólicos. *In*: NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 83-85.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Comida: prazeres, gozos e transgressões*. Salvador: EDUFBA, 2007.

OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. Identidades sociais femininas na História da Alimentação no Brasil. *Projeto História (PUC-SP)*, n. 40, p. 505-521, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6147/4467>. Acesso em: 06 ago. 2022.

OLIVEIRA, Willian Kaizer de. Comer o quê: comida, sexualidade e relações de gênero. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/612/0>. Acesso em: 06 ago. 2022.

PIÑON, Néida. I love my husband. *In*: MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 444-449.

SANTOS, Enedir da Silva dos. *Erotismo como resistência: as narrativas de Marina Colasanti, Márcia Denser e Maria Amélia Mello nos anos finais da ditadura militar*. 2018. 128 f. Tese (Doutorado em Letras: estudos literários) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6720467. Acesso em: 06 ago. 2022.

UENO, Luana Martina Magalhães. A literatura de autoria feminina nipo-brasileira (1980-1988). *Revista outras fronteiras*, Cuiabá, v. 8, n. 2, p. 178-196, ago./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/433>. Acesso em: 06 ago. 2022.

Recebido em: 27/07/2023
Aprovado em: 11/09/2023
Publicado em: 09/04/2024



10.29281/r.decifrar.2023.3a_14